

Maternidades: para além da dissidência**Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra**

Universidade Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1088-4260>

Ao pensar no título para este dossiê, *Maternidades: para além da dissidência*, não imaginava como isso repercutiria na sua concretude. Em 2019, quando comecei a estudar as representações da maternidade na literatura, as discussões se centravam na necessidade da ruptura do modelo da mãe patriarcal, submissa e dedicada, para dar espaço a outras mães e suas experiências maternas. Os estudos dirigiam-se principalmente a textos cuja representação das dissidências maternas orbitava na experiência subjetiva das mulheres: não querer ser mãe, não gostar do filho, viver uma depressão pós-parto. Geralmente narrados em primeira pessoa, muitas vezes por uma protagonista sem nome, havia um certo hermetismo ao se tratar dos sentimentos sem localizá-los em um espaço-tempo definido. Alguns dos artigos deste dossiê, transitam nesse universo, afinal, ele é o cerne e início do debate. No entanto, é interessante observar como outros já se posicionam em lugares diferentes. A interseccionalidade, a importância da raça e da classe para pensar a representação da maternidade, se faz presente em muitas das discussões levantadas neste dossiê. Encontramos representações de mães não brancas e de mães pobres que vivenciam a maternidade de maneira radicalmente diferente da mãe branca e de classe média. A consciência da multiplicidade de maternidades também incrementa a consciência da multiplicidade de dissidências, uma vez que a maternidade é atravessada por muitas outras questões além do gênero.

Abre o dossiê a conversa entre Emanuela Siqueira e Marcela Lanius sobre a tradução do romance *Máquina de leite*, de Szilvia Molnar. No romance, observamos dois mundos que se comunicam: a tradução e a maternidade. Se na narrativa a personagem sem nome vive entre línguas – pela sua condição de estrangeira e pela profissão de tradutora – o tempo narrado também é um tempo-entre, afinal, quem lê é convidado a se sentar no sofá da casa da personagem e acompanhar o seu puerpério. Com perguntas muito bem conduzidas por Emanuela, Marcela conta como foi construir o seu próprio glossário para a tradução, o transitar entre as diferentes línguas que marcam o romance e as escolhas que precisou fazer para que o texto chegasse tão impactante no seu conteúdo e forma quanto o original ao português brasileiro. Na dissidência da

dissidência, a tradutora destaca que Szilvia Molnar compara a maternidade e a tradução como atos de criação solitários. Se ambas as atividades compartilham este imperativo de sua herança patriarcal, Marcela revela que, ao contrário de estar só, pôde contar com uma rede de tradutoras que a acompanhou durante a tradução. Rede que também seria bem-vinda à mãe que protagoniza o romance e a todas as outras mães.

É também do campo da tradução a contribuição feita por Clareana Moreira de Castro Eugênio. A pesquisadora apresenta a tradução de alguns dos capítulos da obra *Manifesto Antimaternalista*, de Vera Iaconelli, para o espanhol. Na apresentação do texto, elenca algumas decisões tradutórias que envolvem, principalmente, o universo da maternidade. No que diz respeito à obra traduzida, há alguns anos a psicanalista Vera Iaconelli vem recebendo atenção nas discussões que mobiliza sobre a maternidade e a psicanálise. Nesse *Manifesto*, Iaconelli lança a pergunta de quem cuidará das gerações futuras. Compreendendo que o materno não deve ser sinônimo de cuidado e que a categoria “mulher” é atravessada por classe e raça, a psicanalista reforça que precisamos reavaliar as nossas crenças em relação à maternidade uma vez que esta noção, e conseqüentemente tudo o que ela convoca, está em colapso.

Entre os artigos em língua espanhola, encontramos o de Amanda Patricia Castañeda e Alejandra Hernández, que coloca em comparação dois romances mexicanos contemporâneos. Concordando com o argumento de Hélène Cixous de que a escrita feminina passa pelo corpo, as pesquisadoras enfatizam que nas obras de Jazmina Barrera e Isabel Zapata evidencia-se uma escrita do eu que relata a experiência do gestar e do parir em textos que misturam a narrativa subjetiva e outras vozes em um tipo de *collage*. E é isso o que exploram na análise: a busca por autoras que compartilham um mesmo espaço-tempo, uma escolha por textos fragmentados e autoficcionais, com uma linguagem poética que convoca a partilha. As duas obras se tornam, então, referências à temática das maternidades dissidentes, uma vez que na projeção do eu pode-se ouvir as vozes de muitas outras mulheres, demonstrando que se há algo que se compartilha na maternidade é a possibilidade de ela ser diversa.

Cristina Gutiérrez apresenta uma contribuição muito significativa para o dossiê ao se debruçar sobre a representação da maternidade dissidente no texto poético, já que a maior parte dos estudos da área se concentra na análise de textos narrativos. Para tanto, seleciona algumas obras da poeta venezuelana Jacqueline Goldberg e examina como a relação materno-filial se constrói ao longo dos versos. A epígrafe escolhida pela autora já enuncia a ambivalência da

experiência materna. Talvez em razão da sua origem judaica, muitos dos versos de Goldberg transitam entre a genealogia e a herança. O que a mãe transmite ao filho é um mundo sem lugar e sem esperança, o que Gutiérrez denominará “herança da desesperança, da desconfiança e da perda”. Nessa relação na qual só a perda parece possível, a experiência da maternidade é associada à morte, representada como a ausência da própria voz quando um filho nasce. Contribuí para essa imagem, a constatação de que o filho não é uma continuidade da mãe, mas alguém que guarda a sua individualidade e o seu próprio mundo, que ainda comporta alguma expectativa. E lemos nos versos de Goldberg: “Su mañana no es la mía. No es pálida. No es efímera”./ Su mañana no cabe en mi reposo”.

Já nas contribuições em língua portuguesa, começamos lendo o estudo de Eduarda Duarte Pena. O aparecimento de mães e filhas e as tensões oriundas desta relação são recorrentes na obra de Elena Ferrante e a pesquisadora se propõe a discutir um dos romances mais incômodos e explícitos da autora sobre esse assunto. Para desenvolver a sua argumentação, Pena inicia suas proposições destacando o papel assumido pela boneca nas obras de Ferrante. Abandonadas por suas mães-meninas, as bonecas representam a relação que será explorada em *A filha perdida* entre mães e filhas “de verdade”. É interessante observar como a não identificação e o incômodo com a maternidade são apresentados como um movimento em cadeia: predestinação e amargura parecem definir as mães. A personagem principal do romance questiona este lugar ao priorizar seus desejos ao cuidado das filhas e sair de casa para se dedicar à vida profissional. Anos depois, em um encontro fortuito com uma mãe e uma filha, a boneca será retomada como metáfora do acerto de contas que a personagem precisa fazer consigo mesma.

Junto com Emilli Prestes Silva, pude conhecer um pouco mais da obra de Júlia Lopes de Almeida e tensionar a leitura que se tem feito da autora nos nossos dias. Merecidamente recuperada depois de anos de esquecimento, Júlia é considerada hoje como uma das precursoras do feminismo no Brasil. Ao analisar o romance *A família Medeiros* e relacioná-lo à obra ensaística da autora, nos propusemos a averiguar de que modo a mulher e a maternidade aparecem representadas nesses dois gêneros. Se nos ensaios encontramos uma mulher muito acorde à sua época, defendendo o casamento, a maternidade e o papel decisivo da mãe para a construção do futuro da nação, no romance observamos como por meio da construção de diferentes personagens femininas a autora vai abrindo espaço para o questionamento do determinismo da

vida das mulheres. Como em uma espécie de linha do tempo, observamos uma geração de mulheres, desde a figura da mãe abnegada e dona de casa até a jovem que pode escolher com quem vai se casar.

Aprofundando as discussões sobre Júlia Lopes de Almeida e apresentando outra reflexão muito relevante sobre a maternidade a partir de uma perspectiva interseccional, Claudia Daniele Blum Santana se detém na análise do conto “Os porcos”. Na contextualização histórica e literária que faz da autora, inscrevendo-a no Naturalismo, evidencia o seu lugar de fala de antemão: uma mulher branca, de posição privilegiada, que escreve para os seus e acredita em um determinismo de ordem biológica e social. Assim, o elogio à maternidade cabe apenas àquelas que figuram nesse contexto. São as mães brancas que criarão bons homens para o futuro da nação. Às demais, como é o caso da mestiça que desponta no conto, tal experiência é negada, pois a sua descendência perpetuaria a impureza, os vícios e a barbárie.

O artigo “As tensões críticas da obra teórica e literária de Conceição Evaristo: o caso de Aramides Florença”, de Diego Ravarotto da Costa, contribui para dar visibilidade à maternidade negra na literatura brasileira. Colocando em diálogo os textos literários e não literários de Evaristo, problematiza a presença da maternidade em suas obras. Para isso, o autor percorre brevemente as ondas do feminismo sublinhando a ausência da mulher negra em suas discussões e, como consequência, a sua não representação como mãe na literatura. Na análise de “Aramides Florença”, observa de que modo o conto representa, ao mesmo tempo, um novo olhar para a mãe negra e a manutenção da estrutura machista e patriarcal da sociedade brasileira. Se, por um lado, a mãe negra agora pode se dedicar ao cuidado do filho de sangue – e não ao do filho de leite –, esse filho homem disputará o seu corpo com o pai, lembrando-nos que o corpo feminino é ainda controlado socialmente.

Consuelo Gouvêa de Faria nos convida a conhecer mais sobre a representação da figura materna nas Antilhas. Pontuando a diferença dos termos maternidade e maternagem, o primeiro relacionado à condição biológica e o segundo ao cuidado, revela como os dois se articulam no imaginário social e literário das Antilhas. Ao explorar a figura das mães nos textos literários que analisa, a autora observa como se reproduz na ficção escrita por homens o estereótipo da mulher abnegada, reconhecida pela dedicação e pelo cuidado dos filhos, imersa em uma sociedade patriarcal na qual o casamento e a maternidade legitimam o seu lugar. O imaginário da mulher como base da família e responsável pela perpetuação da linhagem – presente até mesmo no uso do termo *poteau-*

mitan, espécie de pilar ou sustentáculo – pode ser rompido na escrita de autoras mulheres que problematizam o lugar-comum da maternidade antilhana.

Em diálogo com outras representações artísticas, notadamente a partir do cinema, Natielle Oliveira Sousa e Victor Pereira Sousa analisam a figura da mãe no filme *Que horas ela volta?* Para apoiar a discussão que fazem da obra, os autores inicialmente se apropriam de alguns referenciais teóricos como a conceitualização de estereótipo e de enunciado. Ao discutir a figura materna, traçam um percurso histórico destacando como foi se construindo o estereótipo da mãe como dona de casa zelosa. Na análise do filme propriamente dita, lançam luz à relação da mãe e filha e à tensão advinda do não cumprimento do estereótipo materno. A mãe que deixa de cuidar da filha para poder provê-la, projeta seu afeto no filho cuja mãe é ausente mesmo estando fisicamente presente. Essa dinâmica da transferência do afeto materno é, inevitavelmente interseccional, como já discutido em dois outros estudos deste dossiê. Como a mãe negra precisa abandonar o seu filho para cuidar de outra criança, a mãe pobre também se vê na mesma condição.

Ainda no diálogo com outras linguagens, Luz Mariana Blet nos apresenta um ensaio visual de mães que são estudantes. Contribuição fundamental para a discussão da invisibilidade materna e do(s) seu(s) filhos no contexto acadêmico, Blet parte da própria experiência de voltar à sala de aula sendo mãe e percebe a falta de acolhimento e de políticas de permanência para as mães nas universidades. O ensaio elenca o registro de nove mães conciliando o momento de estudo e do cuidado dos filhos. Vale destacar que as fotografias são acompanhadas de alguns comentários das mulheres retratadas que, se por um lado apontam para o que compartilham, como a falta de um espaço pleno no ambiente universitário, também mostram os diferentes contextos e maternidades experimentados na vida de cada uma delas.

E o dossiê se encerra com a resenha que Leticia Pilger da Silva faz de *Roedores. Cuerpo de embarazada sin embrión*, de Paula Bonet. Trata-se de uma leitura entre palavras e imagens sobre as perdas gestacionais da autora. Dessa forma, o não silenciamento do aborto não desejado é o modo que Bonet encontra para atribuir existência ao que geralmente permanece oculto. Com a obra dividida em dois volumes, no primeiro (*Cuerpo de embarazada sin embriones*) é possível ler uma forma de diário, que reúne textos diversos e páginas em branco que, na leitura de Leticia, apontam para o universo do dito/não dito, bem como aquilo que poderia ter sido/escrito e não foi. *Roedores* é uma espécie de livro infantil ilustrado, um bestiário sobre diferentes tipos de roedores. A escolha pelos

ratos não é enunciada pela autora, mas em determinado momento da primeira parte do livro, refere-se ao embrião como *la ratona*. Além da criatura que se alimenta das sobras, que vive à margem, a imagem do rato é também daquele que sempre precisa escapar, cuja vida está em constante perigo e que pode não permanecer, algo que compartilha com seus filhos que não puderam vir ao mundo.

Como escrevi no começo da apresentação, cada uma das pesquisas apresentadas aqui lança um novo olhar sobre a representação das maternidades. Agradeço, assim, a cada um dos pesquisadores e pesquisadoras que contribuíram para a materialização deste dossiê. E se ao final da leitura dos artigos você conseguir dizer para si mesmo que “mãe não é uma só”, nós teremos alcançado o nosso objetivo.